

Acampamento “teimoso” virou 1ª satélite

Antes de Brasília sair do papel para se materializar no cerrado, uma cidade com dezenas de milhares de habitantes, oriundos



das várias regiões do País e de outras partes do mundo, brotou nos arredores da futura capital: o Núcleo Bandeirante. Nos primeiros dias (outubro de 1956) era um mero acampamento de barracas de lona; para abrigar os cidadãos — a massa operária que tinha vindo do País inteiro para construir Brasília — mas, em pouco tempo começaram a surgir as casas comerciais e residências de madeira. O Núcleo Bandeirante chegou a ter uma população de mais de 120 mil pessoas no período do maior ritmo de construção da capital.

Há seis meses do seu 35º ani-

versário, o Núcleo não é em nada parecido com o daquela época. As ruas eram irregulares e constituíam um lamaçal só; não havia saneamento, distribuição de água, a energia era fornecida por geradores particulares, todas as casas — comerciais e residenciais — eram de madeira e ocorriam frequentes incêndios. O fogo era o grande temor dos primeiros “bandeirantes” e queimava quartéis inteiros de uma cidade toda de tábuas, uma espécie de Chicago brasileira.

Aventureiros — O Núcleo foi instalado por José Pimentel de Godoy, que, com um topógrafo, demarcou os lotes, cedendo-os sob o regime de comodato. Havia uma grande preocupação com as precaríssimas condições de saneamento e o temor do surgimento de epidemias. Reunindo aventureiros do mundo inteiro — gregos, japoneses, iugoslavos, italianos, judeus, portugueses, árabes, poloneses, norte-americanos, além dos sul-americanos e dos próprios brasileiros — a Cidade Livre, como foi então chamada,

tinha hotéis, pensões, lojas, farmácias, oficinas, bares, postos de gasolina, cinemas, boates sem que houvesse nenhum planejamento urbanístico!

A idéia era, depois de concluída a construção de Brasília, demolir tudo, com a transferência dos moradores para Taguatinga e, posteriormente, a Ceilândia. Os administradores, entretanto, não conseguiram “passar o trator por cima dos barracos”, como foi inicialmente planejado. Com a abertura de Taguatinga, em 1958, milhares de cidadãos para lá se transferiram. Em 1972, o Núcleo tinha 120 mil habitantes e cerca de 60 mil se transferiram para a Ceilândia.

Os que ficaram fizeram pressão e garantiram o direito aos lotes, recebendo um prazo para edificar prédios com materiais mais duradouros, em substituição à madeira. Os cidadãos do Núcleo Bandeirante também resistiram a outros locativos: o nome “Bernardo Sayão” não pegou, tampouco Cidade Livre, retornando à denominação inicial.



As toscas construções do antigo Núcleo serviam para o comércio e para residências dos cidadãos